

LINGUÍSTICA E JORNALISMO: ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM NEUTRA PELO JORNAL ARGENTINO PÁGINA/12

136

AUTORES

Marcelo Rodríguez¹, Cristiane Pereira², Greici Bender³

1* - Mestrando em Relações Interculturais, Universidade Aberta de Portugal - UAb,
2001462@estudante.uab.pt

2- Mestra em Comunicação Social, Centro Universitário da Região da Campanha - Urcamp,
cristianepereira@urcamp.edu.br

3- Mestranda em Ensino de Línguas, Universidade Federal do Pampa - Unipampa,
greicibender.aluno@unipampa.edu.br

Resumo: A linguagem neutra é fruto da luta da comunidade LGBTQIA+. Como o jornalismo não é alheio à realidade social, seria natural que se utilizasse jornalisticamente a neutralidade linguística como forma de inclusão. Este estudo busca identificar esse uso por parte do jornal argentino Página/12, tendo como objetivos quantificar as publicações que se utilizam da linguagem neutra nos meses de junho de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020 e realizar uma análise temática das mesmas. Os resultados mostram um aumento na quantidade de publicações e uma certa normalização da linguagem neutra, porém com grandes dificuldades de aplicá-la no cotidiano jornalístico. Por fim, é preciso entender que a utilização jornalística dessa linguagem significa visibilizar pessoas não-binárias e promover a inclusão social. As línguas são vivas, se transformam constantemente, fato pelo qual não há contra o que lutar, apenas aceitar o avanço social intrínseco e alheio à realidade de quem não vive marginalizado na sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo noticioso; Linguagem neutra; Não-binariedade de gênero; Inclusão; Análise de discurso.

INTRODUÇÃO

O debate sobre o uso de uma linguagem neutra socialmente não é tão novo. Também não é tão antigo, mas, sem dúvidas, ganhou força nos últimos três anos, a partir de 2018, aproximadamente. Vale destacar que esse avanço

se dá, fundamentalmente, a partir da luta constante da comunidade LGBTQIA+⁴ e da compreensão de que essa utilização faz parte de uma desconstrução de gênero, isto é, do entendimento de que há mais possibilidades além de rótulos como mulher e homem.

137

Sobre a opressão linguística sofrida por pessoas não-binárias, ou seja, aquelas que não se encaixam nesses dois rótulos tradicionais, Mokwa (2019) diz que “[...], a população trans não-binária não se sente representada na língua portuguesa por essas limitadas condições, e por isso promove uma linguagem neutra, que retira as marcas de gênero, [...]”. Essa limitação de condições na linguagem não diz respeito apenas ao português, mas também a outras línguas, como inglês, espanhol e até árabe, por exemplo.

Como dissemos, a linguagem neutra não é algo novo, apesar do seu fortalecimento recente. Ophelia Cassiano (2019) explica que essas variações existiam, mas acabaram sendo extintas. “Povos antigos, originários, indígenas, e até pré-históricos, registravam em sua cultura a presença de pessoas para muito além de apenas ‘homens’ e ‘mulheres’”. Ainda segundo ela, o retrocesso em relação a isso foi causado pelos colonizadores, que inculcaram seus valores ligados à Igreja Católica (CASSIANO, 2019).

Outra questão a ser considerada sobre a linguagem neutra é que ela não pode ser apenas inclusiva para integrantes da comunidade LGBTQIA+, ela também não pode ser excludente. Por exemplo, quando se começou a discutir a utilização de uma linguagem não sexista e não opressora, utilizava-se a letra X ou o símbolo @ para neutralizar, por assim dizer, algumas palavras que oficialmente na língua portuguesa tinham gênero. O mesmo aconteceu na língua espanhola. Porém, isso atrapalha as pessoas com deficiência.

⁴ Sigla do movimento que engloba pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e todas as outras possibilidades de orientação sexual ou identidade de gênero existentes.

Enfim, considerando que a mídia é parte importante das transformações linguísticas, foi escolhido como objeto deste estudo o site do jornal argentino Página/12. Este é o sexto portal informativo mais acessado do país, segundo dados do ranking Alexa⁵. Nele, constatou-se o uso frequente de linguagem neutra. Assim, esta pesquisa tem dois objetivos, sendo eles identificar, no corpus, quantas reportagens em que se utiliza a linguagem neutra foram veiculadas; e realizar uma análise temática dessas reportagens.

138

A pesquisa justifica-se pelo fato de que a utilização da neutralidade da língua vem sendo observada há muito tempo nos meios de comunicação. “Em 2015, o The Washington Post anunciou que aceitaria o pronome devido ao que o editor Bill Walsh chama de ‘a crescente visibilidade das pessoas neutras em relação ao gênero’.” (BLAKEMORE, 2017, tradução nossa). Se em 2015, já se falava em uma visibilidade, de lá para cá, com tantos avanços sociais, podemos dizer que houve uma avalanche de visibilidade não-binária.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa exploratória e descritiva, com uma abordagem qualitativa, que utilizou como método a análise de conteúdo, baseado na autora Laurence Bardin (2004). Para identificar o corpus, decidiu-se fazer uma busca avançada no buscador Google com as seguintes características: publicações com a palavra *todes* no site www.pagina12.com.ar, indexadas como notícias pela ferramenta, nos meses de junho de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020. A escolha diz respeito a ser do mês do orgulho LGBTQIA+.

Delimitada e extraída a amostra, foi realizada uma análise temática, que se baseia em compreender as ideias entorno das quais gira o conteúdo e que

⁵ O ranking Alexa é um medidor de popularidade, classificando milhões de sites na internet por ordem de quantidade de acessos. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites/countries/AR>. Acesso em: 22 jul. 2020

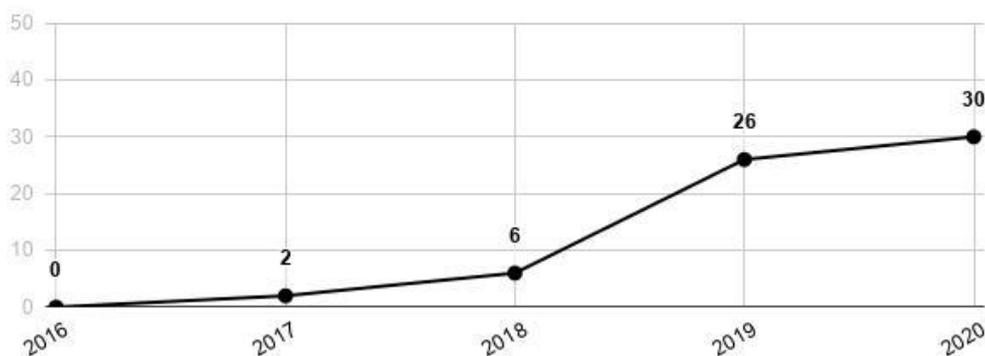
podem ser relevantes para a pesquisa (BARDIN, 2004). Para desenvolver essa análise, foram estabelecidos os critérios de data, utilização da palavra *todes*, título da publicação e seu link. Além disso, foram determinadas as categorias de análise: tipo de publicação; se ela tratava de questões de gênero e/ou diversidade; título com linguagem neutra; e utilização a letra X.

Em relação à primeira categoria, foram considerados três tipos possíveis de publicações: de opinião, reportagens e notícias factuais. Uma normalização da linguagem neutra no jornalismo acarretaria que os temas das publicações fossem além das questões envolvendo a comunidade LGBTQIA+, por isso da segunda categoria. A terceira categoria buscou determinar se a utilização da neutralidade podia ser identificada só com o título; e, por último, foi considerado válido o uso da letra X, mesmo que não seja o ideal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca relacionada a junho de 2016 não obteve nenhum resultado, ou seja, o site não utilizava, naquele momento, a palavra *todes*, que é a mais utilizada por pessoas com contato com a linguagem neutra, mesmo que mínimo.

Gráfico: comparativo da quantidade de publicações versus anos analisados



Fonte: Marcelo Rodríguez Barboza (2020).

Já no mesmo período do ano de 2017 foi constatada a utilização da palavra em duas publicações. Em 2018, esse número foi para seis. Já em 2019 houve um salto significativo: vinte e seis publicações utilizando a palavra. Quase o mesmo ocorreu em 2020: trinta publicações.

140

Nos meses de junho dos anos 2017 e 2018, absolutamente nenhuma publicação teve o uso de linguagem neutra em seu título. Ao mesmo tempo, quase todas as publicações foram relacionadas a questões de gênero ou de diversidade. O único ponto fora da curva foi uma publicação opinativa que tratava sobre a utilização da linguagem como instrumento para a comunicação inclusiva e para o bem-estar social compartilhado, publicada no dia 20 de junho de 2018. Mesmo assim, o ponto não estava tão fora da curva.

Em junho de 2019, não só houve maior número de publicações com linguagem neutra, também foi verificado um equilíbrio em relação às temáticas: treze publicações eram sobre questões de gênero/diversidade e treze não. A diferença se deu em função do ano eleitoral e porque o então candidato presidencial Alberto Fernandez utilizava muito o *todes* como forma de incluir o eleitorado. Nesta amostra, foi a primeira vez em que se apresentam publicações com presença de linguagem neutra no título: duas.

Junho de 2020 teve mudanças ainda mais. Desta vez, apenas nove das 30 publicações que contêm a palavra *todes* foram relacionadas a questões de gênero e/ou diversidade, as outras 21 foram de diversas temáticas, tanto na classificação de notícia factual e reportagem quanto em opinião. Apesar de ter sido a parte da amostra com melhores resultados quanto à utilização de linguagem neutra pelo jornal Página/12, em junho de 2020 foi verificada apenas uma publicação com esse tipo de linguagem no título.

Enquanto era analisado o *corpus* desta pesquisa, foi identificada uma reportagem sobre os 50 anos de Stonewall, revolta ocorrida em 1969, em Nova York, que é considerada um marco para a luta da comunidade LGBTQIA+. A

publicação contou com uma entrevista a um importante ativista e abordava até questões sobre HIV e AIDS. O que chamou a atenção foi que nessa reportagem não foi utilizada nenhuma palavra em linguagem neutra, nem mesmo houve uma tentativa com a letra X ou o símbolo @.

141

CONCLUSÃO

Depois de concluir a pesquisa, entende-se que os objetivos propostos foram atingidos corretamente. Foi plenamente possível estabelecer a quantidade de publicações do jornal Página/12 que se utilizaram da linguagem neutra. Além disso, a análise temática permitiu compreender em quais contextos essa utilização da neutralidade da língua aconteceu. Verificou-se, ainda, a intrínseca relação que os estudos linguísticos e a linguagem como um todo têm com a comunicação e, particularmente, com o jornalismo.

Apesar disso, foi possível constatar que a utilização da linguagem neutra na produção jornalística ainda engatinha. Mesmo aqueles veículos que ousam promover certa normalização das desconstruções dos padrões de gênero não conseguem fazê-lo no seu cotidiano de produção. Isso é compreensível, afinal, mesmo que as mudanças sociais aconteçam com certa velocidade, a maior parte da sociedade não acompanha no mesmo ritmo. Por isso, a busca pela normalização da neutralidade linguística é ainda mais importante.

Da mesma forma que ocorre com as línguas, que se modificam com o tempo, o trabalho jornalístico também deve se modificar para poder permanecer. Se a tendência é a inclusão de pessoas e comunidades historicamente marginalizadas, é dever do jornalismo colaborar para essa inclusão. Além disso, acreditar que as línguas devem ser estritamente iguais para sempre, considerando-as perfeitas da forma que já são, é demonstrar uma enorme pobreza cultural e uma falta de empatia maior ainda.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BLAKEMORE, Erin. Gender-Neutral Pronoun “They” Adopted by Associated Press. **Smithsonian Magazine**, 2017. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smart-news/gender-neutral-pronoun-they-adopted-associated-press-180962679/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CASSIANO, Ophelia. Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR). **Linguagem Neutra (PT-BR)**, 2019. Disponível em: <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MOKWA, Marcela. O Papel e a função da linguagem não binária ou neutral no contexto das redes online. **Revista Movimento**, 2019. Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.